

# LEITURA, SUBJETIVIDADE E EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: CONSONÂNCIAS E DISSONÂNCIAS NO *GUIA PNBE EJA 2014*

Rosângela Maria de Almeida Netzel<sup>1</sup>  
Sheila Oliveira Lima<sup>2</sup>

**Resumo:** Na interface entre Estudos da Linguagem e Psicanálise, a subjetividade é interessante fator a considerar na formação de leitores. Nesta perspectiva, com foco na Educação de Jovens e Adultos, analisa-se o *Guia PNBE EJA 2014*, disponibilizado pelo Ministério da Educação aos docentes da Fase I, e assim busca-se elencar consonâncias e dissonâncias entre leitura e subjetividade nos direcionamentos presentes no material.

**Palavras-chave:** Formação; mediação; livros; EJA; subjetividade.

## Introdução

As políticas de formação e a distribuição de recursos são importantes para o trabalho docente com a leitura, inclusive na Educação de Jovens e Adultos (EJA), em que se busca a formação básica, não completada na infância ou adolescência. Nesse contexto, é importante refletir sobre as concepções de leitor e de leitura pressupostas em materiais direcionadores, como os guias dos acervos do Programa Nacional Bibliotecas Escolares (PNBE), que se voltavam também à EJA<sup>3</sup>.

Ressalta-se aqui a importância da iniciativa, e utiliza-se a análise documental de um dos guias de leitura que acompanhou os acervos distribuídos pelo Ministério da Educação, tendo-se em mente a seguinte questão: *que considerações sobre subjetividades leitoras estão presentes no Guia PNBE EJA 2014?*

Para tanto, elege-se a interface entre Linguagem e Psicanálise como viés teórico, defendendo leitura como atividade em que a subjetividade comparece de modo relevante.

## Leitura, subjetividade e Educação de Jovens e Adultos

Freire (1989), muito representativo no campo da EJA, enfatizou a importância de que no trabalho com a leitura haja a contextualização de vivências dos educandos, ao publicar ideias relativas à necessidade de considerar as experiências prévias, sociais e afetivas dos estudantes, defesa que se sintetiza na afirmação de que “a leitura de mundo precede a leitura da palavra”.

Nas Diretrizes Curriculares Estaduais para a Educação de Jovens e Adultos, entre outros direcionamentos, concepções de Freire são consideradas. No entanto, o apontamento de que o professor é que define sua metodologia, de acordo com as características da turma (PARANÁ, 2006), apesar de legar grande autonomia ao professor, pode ser uma armadilha, pois não haverá efeito emancipatório real se a formação continuada dos professores não estiver em consonância com as relações teórico-práticas possíveis no segmento.

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina (PPGEL – UEL). E-mail: [roalmeidaprofe@gmail.com](mailto:roalmeidaprofe@gmail.com).

<sup>2</sup> Docente do Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Estadual de Londrina (UEL). E-mail: [sheilaol@uol.com.br](mailto:sheilaol@uol.com.br).

<sup>3</sup> A partir de 2017 o PNBE foi extinto, persistindo somente o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), que terá uma vertente voltada à literatura, mas até o momento não há previsão de livros especificamente para a EJA (BRASIL, 2018).

Iniciativas de formação para os professores de EJA, em nível federal ou local, precisam ser efetivas também no tocante ao ensino de leitura. Nesse contexto, materiais como *Guia PNBE EJA 2014* seriam recursos para ampliação do olhar docente à leitura literária como importante elemento a despertar o interesse dos estudantes, e mais que isso, para percepção gradativa do potencial literário de emancipação humana.

Essas afirmações podem ser inferidas com base na “perspectiva humanista” que a leitura assumiu mediante sua valorização na sociedade moderna (MANGUEL, 1997). Desse modo, o caráter crítico torna-se possível a partir de uma da formação leitora bem construída, de modo que a literatura pode atuar como elemento que permita olhar além do denotativo, levando à relação com vivências prévias, à percepção de significados paralelos, considerando-se as entrelinhas, a polissemia, a estética e a intencionalidade da linguagem. Infere-se, portanto, que motivar à leitura literária na EJA seja uma forma de instigar à subversão de mecanismos repressores do pensamento crítico e criativo.

Nessa conjuntura, a interface entre os estudos da Linguagem e da Psicanálise permitem apontar que no ato de ler ocorre uma reescrita na mente do leitor, resultando na atribuição de sentidos que vão além do que inicialmente o autor idealizou para a obra, criando-se um texto-leitura (BARTHES, 2004), em que o sentido é construído a partir de interferências subjetivas daquele que lê.

Assim, podem ser impressos diferentes significados na vida dos leitores como demonstrado por Petit (2009), em sua pesquisa com jovens franceses. Nesse contexto foram apontados diferentes objetivos e memórias em relação ao ato de ler, enfatizando-se a leitura como um processo de construção da própria personalidade, também como fator que interfere nas escolhas pessoais, e ainda como elemento que motiva à busca de novas possibilidades, entre elas o despertar crítico em relação aos extremismos defendidos por determinados grupos sociais.

Da mesma forma, Jouve (2002) pode ser citado na reafirmação da leitura como ato emancipatório, pois, segundo ele, é elemento que permite a redescoberta de si, em um movimento de reflexão sobre as vivências culturais.

Ainda em Rouxel, Langlade e Rezende (2004), podem ser encontrados subsídios às afirmações aqui defendidas, sobretudo na ideia de que a partir da leitura literária é possível exprimir os “eus” diversos de que se é feito.

O compartilhamento de leituras é tido como um interessante modo de iniciar a formação do leitor, desde que as propostas atuem como real motivação (COLOMER, 2007), sem que a leitura seja apenas pretexto para atividades mecânicas, quando focadas apenas na sistematização do código escrito, ou utilitárias, se o foco é mantido nas tarefas sociais cotidianas.

Tendo em vista tais considerações a respeito da leitura, propagam-se possibilidades de libertação, motivando-se a revoluções pessoais e sociais, superando-se as dificuldades iniciais relacionadas ao texto literário (ANDRUETTO, 2017), de modo a permitir que os estudantes gozem do real prazer proporcionado por esse tipo de leitura.

Para a abordagem inicial das obras literárias na Educação de Jovens e Adultos, infere-se que a “leitura em voz alta” (PASTORELLO, 2015) por parte do professor e por parte dos estudantes já alfabetizados seja interessante estratégia, pois a partir da voz, os outros podem ser tocados, e motivados a expressarem-se também por meio da leitura.

Portanto, ao se consultar o *Guia PNBE EJA 2014*, é preciso se atentar para as possibilidades de abordagem da leitura, tendo como ponto de partida a subjetividade do leitor, buscando-se, então, apropriar-se das propostas, de modo a propiciar a ampliação de visões de mundo dos educandos.

## Principais pontos do Guia PNBE EJA 2014

Na *Apresentação* do documento em análise, a mediação de leitura é apontada como intervenção para aproximar o leitor da obra, e se focaliza o estímulo à leitura autônoma por parte de crianças, jovens e adultos em processo de alfabetização, para propiciar alternativas de leitura compartilhada. Já na *Introdução*, entre outros objetivos, são mencionados: a formação do professor como mediador de leitura, e leitor de literatura; a democratização do acesso a obras literárias.

Apesar desses pontos positivos, evidencia-se certa confusão quanto aos agrupamentos relativos a tipos de textos, além de contradição, ao criticar o fato de “não se ter formado, em nosso país, concepção clara, entre autores e editores, daquilo que distingue esse segmento de ensino dos demais segmentos” (BRASIL, 2014, p. 13), sem, no entanto, apresentar neste tópico uma concepção ou, ao menos, citar autores que o façam.

Apesar de não ser o foco deste trabalho, é interessante citar que os gráficos e imagens deste início do guia não têm indicação de fonte.

Quanto ao tratamento específico da EJA enquanto modalidade permeada por características que a diferenciam dos demais segmentos, comparando-se o Guia da EJA com o Guia 1, para a Educação Infantil, e ainda com o Guia 2, direcionado aos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, constatou-se que a *Apresentação* é idêntica, e a *Introdução* tem grande parte presente também nos três guias. Investigou-se essa questão, a partir da recorrência da menção sobre mediação para crianças no destinado à EJA.

No primeiro capítulo, a linguagem é posta como um traço físico, de aprendizagem cultural e dupla natureza: utilitária; e lúdico-poética ou estética, em que se inclui, entre outras possibilidades, a poesia. Assim, são considerados os livros: *ABC até Z*, de Bartolomeu Campos de Queiróz; *O Navio Negreiro*, que traz poema de Castro Alves e sua versão pelo *rapper* Slim Rimografia. Constata-se que, embora as atividades relacionadas sejam pertinentes ao ensino de poesia na escola, e haja um cuidado para adaptá-las ao contexto da EJA, é ausente o aprofundamento sobre as subjetividades do leitor, pois, quando se toca no assunto, apenas se comenta sobre a subjetividade do autor e sua expressão por meio dos poemas.

No capítulo *Tempo de prosa*, a leitura é concebida como um complexo de ações sempre solidárias, que envolvem decifração, compreensão, construção de sentidos, propósitos de leitura e posicionamento. Nesse sentido, são abordados os livros *Aisja*, de *Pieter van Oudheusden*, e *As cores da escravidão*, de Ieda de Oliveira, enfatizando-se atitudes responsivas do leitor diante dos textos, no entanto, o foco é mantido no estudo de gêneros e na posterior produção textual, em detrimento do deleite e das trocas de impressões e sensações leitoras.

No terceiro capítulo, os livros de imagens são postos como objetos artísticos-literários, que mesclam recursos de arte visual e de literatura para construir narrativas, destacando-se que não são apenas para crianças ou para analfabetos. São citados: *Mergulho*, de Luciano Tasso; *Quando Maria encontrou João*, de Rui de Oliveira; *O voo da Asa Branca*, de Soud; e *I real*, de Federico Delicado Gallego. Nas propostas desse tópico, prevalece o caráter subjetivo do leitor, embora não seja aprofundado na teoria exposta no guia.

Em seguida há informações catalográficas dos acervos PNBE 2014, de Educação Infantil, Ensino Fundamental e EJA. Neste ponto, poderiam ser apresentadas pequenas resenhas descritivas sobre os livros, como ocorre no guia dos acervos complementares do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), que se encontra disponível no site do MEC (BRASIL, 2012), para motivar os professores à busca e leitura integral das obras, além de guiá-los numa etapa inicial de planejamento, por poderem identificar os temas e estruturas, com base nas resenhas.

## Considerações finais

Defende-se que a seleção e a distribuição de acervos específicos para a EJA são extremamente importantes e necessitam de continuidade, bem como a produção, distribuição e disseminação de outros materiais, que se incorporem à formação continuada oferecida aos professores do segmento, e atuem como recursos ao trabalho com a leitura e com outros aspectos relacionados à aprendizagem. Assim, infere-se que a publicação, aqui analisada, é essencial para a formação de mediadores da EJA, trazendo apontamentos teórico-práticos bastante pertinentes.

Desse modo, considera-se que a referência a alguns dos livros do acervo é uma estratégia válida para um trabalho que valorize as potências literárias. No entanto, há muitos livros que não são citados nas orientações, apresentando-se ao final somente informações técnicas sobre os outros livros dos acervos.

Além disso, a caracterização dos sujeitos da EJA deveria estar presente em todo o guia, valorizando as peculiaridades dessa modalidade, que integra a Educação Básica, esquivando-se da mera adaptação do que é destinado às crianças. Assim, não são adequados os recortes de guias destinados a outros segmentos.

E, como ponto mais importante, ressalta-se que a exposição teórica sobre a subjetividade do leitor e sua consideração nas propostas de atividades, poderia motivar a um trabalho voltado ao aluno enquanto sujeito de sua aprendizagem, em uma vivência literária mais profunda, tendo-se na leitura uma real possibilidade de revolução, de leitura subjetiva, de compartilhamento de experiências, enfim, de arte, linguagem e cultura.

Como sugestão de aprimoramento para iniciativas de mesmo teor, aponta-se que ao final do guia poderiam ser apresentadas resenhas descritivas sobre livros dos acervos, para motivar ainda mais os professores à busca dos exemplares e à abordagem, por meio da leitura em voz alta em sala de aula ou outras estratégias. Além disso, a caracterização dos sujeitos da EJA, que deveria estar presente em todo o guia, é outro ponto a se aprimorar, bem como o possível aprofundamento quanto às subjetividades dos leitores, a culminar em propostas de atividades mais voltadas ao aluno enquanto sujeito de sua aprendizagem, como pressuposto à formação de leitores perenes.

## Referências

ANDRUETTO, M. T. *A leitura, outra revolução*. Tradução de Newton Cunha. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2017.

BARTHES, R. *O rumor da língua*. Tradução de Mario Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BRASIL. MEC lança publicações do PNLD literário, didático e Guia de Tecnologias Educacionais. In: BRASIL. *Portal do Ministério da Educação*. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/222-537011943/62561-mec-lanca-publicacoes-do-pnld-literario-didatico-e-guia-de-tecnologias-educacionais>>. Acesso em: 23 ago. 2018.

BRASIL. *PNBE na escola: literatura fora da caixa*. Guia 3: Educação de Jovens e Adultos. Brasília: MEC; SEB, 2014.

CANDIDO, A. O direito à Literatura. In: CANDIDO, A. *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1995. p. 169-191.

COLOMER, T. *Andar entre livros: a leitura literária na escola*. Tradução Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.

FREIRE, P. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

JOUVE, V. *A leitura*. Tradução de Brigitte Hervot. São Paulo: Unesp, 2002.

MANGUEL, A. *Uma história da leitura*. Tradução Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

PARANÁ. *Diretrizes curriculares da Educação de Jovens e Adultos*. Curitiba: SEED, 2006. Disponível em: <[http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/diretrizes/dce\\_eja.pdf](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/diretrizes/dce_eja.pdf)>. Acesso em: 29 ago. 2017.

PASTORELLO, L. M. Leitura em voz alta e produção da subjetividade. In: \_\_\_\_\_. *Leitura em voz alta e produção da subjetividade: um caminho para a apropriação da escrita*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015. p. 55-76.

PETIT, M. *Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva*. Tradução de Celina Olga de Souza. São Paulo: 34, 2009.